

Eugenia imaginária e imagens de corpos: o sensível fascista de capa de revista

Frederico Antonio Cordeiro Feitoza¹

Resumo

A seguir realizamos uma investigação da imagem midiaticizada do corpo humano para entender como é possível satisfazermos, ainda, fantasias eugênicas que remontam ao projeto estético da modernidade. Por meio da análise de capas de revistas voltadas para boa forma e bem estar observaremos como se torna viável ao fascismo, enquanto uma sensibilidade estética, descolar-se de sua antiga forma institucionalizada para ajustar-se, insuspeitamente, à discursividade biopolítica contemporânea.

Palavras-Chave: Corpo. Imagem midiática. Eugenia. Sensibilidade fascista.

¹ Doutor em Comunicação (UFPE) e professor-pesquisador da Universidade Católica de Brasília (UCB). E-mail: fredfeitoza@outlook.com

Imaginary Eugenics and Body Images: fascist sensibility on the cover of magazines.

Abstract

On the following text we investigate the mediated image of the human body in order to understand how is still possible to satisfy eugenic fantasies related to the aesthetic project of modernity. Through the analysis of covers of magazines featuring subjects as healthy, body shape and welfare we will read how fascism, as an aesthetic sensibility, can detach from its institutionalized form to fit, without suspicion, to the biopolitical contemporary discursivity.

Key words: Body. Media image. Eugenics. Fascist sensibility.

Eugenesia Imaginaria y Imágenes Del Cuerpo: el sensible fascista em portada de revistas.

Resumen:

En el siguiente texto se busca investigar la imagen del cuerpo humano en los medios de comunicación y cómo se las arregla para satisfacer fantasías eugenésicas. A través del análisis de las portadas de las revistas relacionadas con la salud y buena forma, vamos a tratar de reconocer cómo se hace cada vez más viable para el fascismo, como una sensibilidad estética, de separar de sus formas institucionalizadas Del pasado y encajar, insopechadamente, a la discursividad biopolítica contemporánea.

Palavras-clave: Cuerpo. Imágenes de los médios. Sensibilidad fascista.

1. Introdução: o arianismo em nossas perspectivas

O corpo físico e social saudável é uma proposta da modernidade biopolítica. Enquanto construção histórico-discursiva, a noção de saúde populacional desse período confunde-se com a capacidade produtiva e de processamento de informações desse corpo, de forma que temas como mortalidade, prevenção de epidemias e bem-estar tornaram-se objetos de investigação e prática médico/científica bem como de administração estatal. Esse desejo de controle sobre a vida, no entanto, não se restringiu apenas à esfera instrumental de ação político-econômica, mas manteve subentendida uma dimensão estética, cujo fruto configurava-se na visão de um mundo finalmente melhor. Noções como a de beleza, de bondade e de justiça requeriam, para tanto, uma sensibilidade específica, capaz de associá-las à pureza e à higiene do mundo. O mito antropológico do homem ariano, especificamente, e os discursos sobre a supremacia racial e moral do homem branco europeu, em geral, acertavam-se convenientemente a essas expectativas platônicas.

Dentre as formas políticas que atualizaram o problema eugênico platônico (Romandini, 2012, p. 98) para o programa ocidental biopolítico, o fascismo pode ser entendido como um modelo estatal que superdimensionou o potencial de instrumentalização da vida em nome de uma idealidade corporal/social. Ali uma práxis em torno da noção de corpo saudável enquanto força produtiva e reacionária se refletia expressamente em um determinado ideal fenotípico: o caucasiano/ariano forte, muscular e saudável.

Na Itália, poetas como Gabriele D'Annunzio, reverenciado por Mussolini, cultuavam a pureza da *razza* e glorificavam a beleza do macho belicoso e dominador (Paxton, 2007,



Figura 1: Still de *Ways to Strenght and Beauty* (*Wege zu Kraft und Schönheit*, 1925).

p. 68). Na Alemanha nazista, por sua vez, esse culto tinha uma base mais biológica em textos considerados importantes como *Platon als Hüter des Lebens* (Platão como guardião da vida) de Hans Günther (1928) e *Neudal aus Blut und Boden* (A nova nobreza do sangue e do solo) de Richard Walther Darré (1930). Temas como a superioridade da pureza genética eram sustentados por um discurso (pseudo)científico e comunicados através de imagens que promoviam uma sensibilização específica diante do poder.

A beleza saudável e vigorosa do mito ariano refletia-se na propaganda visual e na arte do 3º Reich por meio da ampliação da crença romântica de que o povo alemão (*Volk*) tinha uma ligação predestinada com a terra e que um certo padrão físico-social deveria ser mantido a fim de que se alcançasse finalmente a utopia de um mundo imune a toda ameaça degenerescente. No ambiente organicamente mediatizado da Alemanha nazista, o cultivo dessa percepção em torno da beleza da vida sustentava-se sobre um corpo populacional diametralmente oposto: aquele que se configurava de acordo com a feiura do genocídio e da eugenia.

Em meio a essa idealização fantástica, o sonho alemão de um mundo sem imperfeições, e com o qual as nações industrializadas vinham flertando, aos poucos foi se tornando viável. Com a ascensão do partido nazista, medidas que autori-



Figuras 2: Escultura do 3º Reich: *Camaradas* (1937) de Josef Thorak



Figura 3: Escultura do 3º Reich: *Prontidão* (1939) de Arno Breker. Conhecido como o “Michelangelo de Hitler”.

zavam a ação policial violenta contra minorias possibilitavam a concretização de políticas higienistas de esterilização ou extermínio de deficientes físicos, portadores de doenças hereditárias, doentes mentais, homossexuais e outras categorias que não se encaixassem nos moldes do mito da supremacia branca. Os judeus, como se sabe, encabeçavam a lista.

Esse breve comentário sobre a apropriação fascista da seletividade eugênica serve para expor que a meta administrativa na direção de um corpo social totalizado e unificado, livre de qualquer vestígio de impureza, recobre um culto platônico à fisicalidade perfeita. E esse culto era exercitado conforme uma reforçada pedagogia visual, como acontece similarmente nas atuais sociedades midiáticas. Uma imagética do humano era oferecida aos sentidos, por meio da divulgação de discursos e modelos bioascéticos capazes de encarnar o platonismo eugênico reverenciado pela mitologia cientificista iniciada no século XIX. As imagens idealizadas pelo Estado passavam a ser protagonizadas por formas corporais simétricas e hipertrofiadas em pôsteres, esculturas, filmes e revistas. Os nazistas especialmente assumiram o seu amor pela poderosa hipertrofia muscular na mesma medida em que a cultura visual midiática a celebra sob a blindagem da discursividade biopolítica contemporânea.

No espetáculo visual nazista, a fisicalidade ariana era

celebrada a partir de uma perspectiva clássica exagerada. Abdominais, bíceps e peitorais superdefinidos ditavam os padrões de um corpo fictício, como personificação de uma sociedade sonhada. É o que se pode perceber nos corpos concebidos por artistas patrocinados pelo *Führer* e seu ministério da propaganda, como os escultores Arno Breker e Josef Trorak ou a reconhecida cineasta Leni Riefenstahl. Corpos que não eram meramente helênicos ou clássicos, mas que existiam em função de uma midiatização e estetização do poder.

Havia, portanto, um traço na imagem nazista do corpo ideal que o distinguia da imagem do corpo clássico e o aproximava mais do corpo como vem sendo privilegiado por alguns setores da cultura visual contemporânea, a saber: todo o seu entorno biopolítico. Enquanto a imagem do corpo clássico, belo e são, busca espelhar um cuidado de si¹ em que a ética é experimentada segundo a prática da liberdade e a escolha de um modo de existência particular, o corpo biopolítico encarna um tipo de renúncia de si, por meio da subordinação subjetiva a uma normatividade bio-ascética, a qual aprende a amar e desejar.

Neste artigo vamos nos ocupar de um ideal imagético que evidencia o quanto o ideário eugênico e a perspectiva arianista da beleza foram reterritorializados em meio às formações biopolíticas adaptadas às sociedades de consumo. Assim, abordaremos um conjunto de imagens midiáticas que espelham um ideal estético fascista, localizado como um modelo político e sensível fantasmático, e que torna problemática a relação do sujeito democrático/neoliberal frente aos seus desejos de beleza: capas de publicações semanais voltadas para o bem estar físico, as quais, sob o *slogan* generalizado do “viva mais e melhor”, camuflam a variante eugênica dos desejos contemporâneos.

Grosso modo, tentaremos expor que a disposição do corpo em algumas imagens expõe uma relação fetichista baseada na falsa crença (no artifício exagerado) e proporciona uma forma de identificação agradável e segura, como se concentrasse, no espaço da experiência estética, o narcisismo como móbil privilegiado da comunicação fascista. Experiência psicologicamente oportunista que coloca em cheque os limites entre o normal e ideais de saúde paradoxalmente doentios, por meio da exposição de atributos corporais superdimensionados: vigor muscular, magreza,

1 Ver FOUCAULT, M. (2004, pp. 264-287). *A ética do cuidado de si como prática da liberdade*.

simetria facial, limpeza e energia física e mental inesgotáveis. Nesse sentido articulamos uma relação didática entre os músculos hipertrofiados das capas de revista e a imagem de um novo *freinkorp*: protótipo do macho fascista, afetivamente blindado e dominador, e, no entanto, adaptado aos imperativos da sociedade de consumo.

2. *Body fascism* e o corpo blindado no gênero ‘capa de revista’

Branquitude, heteronormatividade, produtividade, culto à beleza e capacidade atlética são fortemente celebrados como partes de uma cultura ou biologia superior em imagens do corpo nos espaços midiáticos e urbanos. Também acobertadas por uma discursividade biopolítica, estas imagens espelham, sem mais problemas de ordem ideológica, o sonho fascista da auto-realização pela força, produtividade e superação. O corpo se encontra imune não somente à doença e à degenerescência, mas principalmente à própria consciência psicopolítica, quando cercado por questões que tocam saúde, boa forma, stress, trabalho e cuidado corporal. As capas de revista que abordam estes temas podem ser entendidas como o lócus, por excelência, da exposição do corpo ideal, pois articulam, em meio a uma linguagem informativa/publicitária, narcisismo com (auto)controle e disciplina.

Estes produtos visuais são formatadas segundo os imperativos de uma estética apolínea anatomizada pelos regimes de verdade da medicina, ciência e outras antropotécnicas, ao retratar especialmente o corpo humano. Isso acontece quando os formantes plásticos relacionados a essa imagem orientam um percurso gerativo de sentido e prazer visual pela exposição de um modelo físico que reduz o debate sobre o corpo saudável ao seu (re)conhecimento enquanto uma unidade firme, homogênea e simétrica.

Ao lado deste corpo modelar, uma série de enunciados compõem uma diagramação que se tornou comum visualizar em bancas de revista. Entre blocos de anúncios, os corpos se adéquam a um regime do ‘eu’ e da ‘auto-realização’, expressando ideais de ego, cujas identidades são construídas visualmente de forma complementar a uma série de enunciados imperativos. No centro da imagem, homens e mulheres virtualmente perfeitos tornam evidente aquela autoconfiança fascista de que fala Wilhelm Reich (1975, p. 27): sensação de liberdade e segurança dos que se submetem e aprendem a amar a autoridade.

Ancorando-se na aparente impossibilidade de realização desses ideais despóticos, as imagens dos corpos das capas de revista - lócus extraordinário de uma anunciação de si como ego totalizado e homogêneo - são capazes de mobilizar o desejo para a construção de uma percepção do poder e do autocontrole como elementos sempre faltantes à capacidade plena de organização da própria vida.

A imagem do homem ou da mulher capazes de realizar tudo ao mesmo tempo com eficiência e prazer, configura uma espécie de protótipo visual do ideal fascista de corpo/ego atuais, cuja demanda por disposição, proteção e força se comparam a de uma máquina inesgotável. Esse excesso de demandas, no entanto, desvela-se como um conjunto de condicionantes violentas e naturalizadas a que esse corpo deve se submeter em nome de sua idealidade estética, ou o que Brian Pronger (2002) chama de fascismo de corpo (*body fascism*).

Partindo especialmente das obras de Heidegger, Deleuze, Guattari e Foucault, Pronger examina como corpo, ciência e tecnologia se organizam em torno de um desejo moderno manifesto na tecno-cultura da boa forma física. O fascismo de corpo se caracteriza pela sua submissão e adoração ao poder, o qual o explora técnica e cientificamente para fins utilitários, alienando-o de suas linhas de fuga (p. 109) e condicionando a força produtiva de sua libido.

O que Pronger (p. 113) conclui, em linhas gerais, é que o poder atua como uma espécie de governo fascista do corpo, que produz um desejo utilitário; e cujas formas de se 'mover' e 'ser' tornam-se essencialmente econômicas, como se pode enxergar com maior clareza nos movimentos repetitivos realizados dentro de máquinas em academias de ginástica. Nesse sentido, sua preocupação sobre o corpo como dotado de uma potência (*puissance*) subjugada pelo poder (*pouvoir*) reside no seu afastamento de uma experiência de liberdade autêntica, uma das insatisfações fundamentais da vida moderna de acordo com a filosofia heideggeriana (p. 55). É o que lemos no trecho elucidativo abaixo:

A cultura fascista não substitui o poder da vida ou potência (*puissance*) com o poder do governo (*pouvoir*); mais, o poder alcança a potência no desejo fascista. O poder produz potência como poder, e a potência dá ao poder sua potência. No fascismo, vida e governo são uma e a mesma coisa. O fascismo é completo onde o poder da vida (*puissance*) reflete sobre sua liberdade essencial somente como algo útil à governamentalidade. Aqui jaz o grande perigo que Heidegger sublinha

no modo de ser tecnológico da modernidade (Heidegger 1938; 1953; 1954). É, indiscutivelmente, um ponto de mutação na história que já deve ter acontecido, indiscutivelmente tentando os humanos e a ecosfera para ao niilismo de um destino fascista. (Pronger, 2002, p. 113, tradução nossa).

Os percursos teóricos de Pronger nos são fundamentais porque explicam a reterritorialização do desejo fascista diretamente sobre o corpo e sua forma física, de maneira a disfarçar a lógica utilitária e econômica que jaz por trás do interesse supostamente apolítico em mantê-lo belo e saudável através do uso de tecnologias e conhecimentos específicos.

Nesse contexto, as capas de revistas, voltadas para o bem estar, ancoradas em discursos cientificistas e tecnofílicos, funcionam como um lócus de enunciação ideal na composição imagética de um protótipo do fascismo de corpo atualizado. Ao exibir imagens e legendas que utilizam o corpo sob o enfoque do imperativo do prazer e do culto à forma física, elas agenciam essa sensibilidade a partir de enunciados adaptados à sociedade de consumo.

Tomemos como evidência a capa da revista *Men's Health*, publicação mensal originalmente americana, que conta com quarenta e quatro edições² ao redor do mundo, e que constitui um exemplo de alcance global do protótipo visual do *body fascism*.

Em geral a composição de suas capas, que segue uma diagramação convencional (título da publicação na parte superior, imagem



Figuras 4 e 5: Edições da *Men's Health* de Janeiro/2010 e Setembro/2009.

2 De acordo com o site <http://www.rodaleinc.com/brand/mens-health>, consultado em 04/06/2012.

principal centralizada ou mais à direita, manchete à esquerda e outras chamadas ocupando as partes que sobram, etc.) coloca o corpo humano em discurso por meio do evidenciamento ou sugestão de partes da musculatura hipertrofiada (em geral ombro, peitoral ou abdômen) e do semblante aberto e convidativo de seus protagonistas. Atividades como o fisiculturismo ou relacionadas ao prazer sexual e à saúde em geral são projetadas de forma a conotar esse corpo em um tipo de discurso biopolítico.

A imagem da capa da *Men's Health* de dezembro de 2009 (abaixo) salienta, por exemplo, o papel do corpo

na constituição de uma norma sexual específica. Sua manchete ancora-se na heterossexualidade compulsória do corpo hipertrofiado: “Exclusivo 2234 mulheres pedem TANQUE & PEITO DE AÇO”. O modelo da capa, com o tórax e membros superiores expostos, reflete o que seria esse ideal de homem conquistador, capaz de satisfazer as mulheres, e mais ainda, a si mesmo.

Logo abaixo da manchete podemos observar quatro chamadas específicas que a complementam. Primeiro lemos “Ganhe em um mês o corpo que vai deixá-las babando”, a qual antecipa algum manual ou programa relacionado à construção de um corpo hipertrofiado. Em seguida temos um box que contém a imagem de uma mulher e a frase “Sexo a vista! 5 Truques hipnóticos de sedução”. Depois a chamada para outro guia: “Manual da Proteína 21 jeitos de trincar comendo melhor” e por fim: “Blinde a sua pele”.

Em meio à promessa de realização sexual, vigor físico e manutenção da aparência - temas comuns a quase todas as capas da *Men's Health* - podemos observar uma outra fantasia, mais sutil, presente na composição textual, e que metaforiza o corpo de acordo com um



Figura 6: *Men's Health* Brasil (Editora Abril, dezembro/2009).

valor específico: a propriedade do aço, minério rígido que só pode ser dissolvido sob circunstâncias extremas.

Essa fantasia do corpo de aço pode ser confundida com uma fantasia fascista primordial - embora redimensionada a um contexto semi-simbólico contemporâneo - isto é, a fantasia masculina de transformação do corpo em um organismo belicoso, uma máquina ou uma unidade concisa, produtiva e hiper-masculinizada, como se pode notar em manchetes do tipo: “Detone 5 kg em um mês” (agosto/2012); “Vire um paredão” (Agosto/2010); “Ganhe a guerra contra os pneus” (maio/2009); “Coma bem e derrote a pança” (Maio/2008) ou “Ganhe potência no sexo” (Agosto/2007); “Perca peso a jato” (Março/2008); Ano novo, corpo a Mil” (Novembro/2011), etc. Enunciados que recobrem, em suma, o desejo por um ‘corpo blindado’ (*armoured body*), para nos apoiarmos numa expressão teorizada pelo crítico cultural Klaus Theweleit (1987/1989).

Em seu livro *Male Fantasies*, dividido em dois volumes, Theweleit desenvolve uma série de argumentos - baseando-se na pesquisa de depoimentos de testemunhas, ficções e autobiografias arquivados - sobre os chamados *Freinkorps*, unidades paramilitares alemãs que agiram entre os anos de 1918 e 1923. Dando ênfase à análise da psicodinâmica de gênero desses homens, Theweleit lança uma espécie de teoria ampla sobre a masculinidade moderna, buscando desvendar o porquê do excesso de misoginia que se tornaria comum às tropas fascistas.

Sua análise foca, sobretudo, na recorrência de emoções ambivalentes mencionadas nas narrativas dos *Freinkorps* no que diz respeito às mulheres. Isso se explicaria porque a figura feminina seria capaz de proporcionar uma experiência de libertação erótica e de autopercepção contraproducente aos objetivos da guerra e da luta. Daí a necessidade de manterem seus corpos “blindados” em unidades totais, indisponíveis ao contato com toda outridade que não somente o feminino, mas também o judeu, o comunista ou o homossexual:

Os homens estavam agora divididos entre um interior (fêmea) e um exterior (macho) – a blindagem do corpo. E como nós sabemos, o interior e o exterior eram inimigos mortais. O que nós vemos retratado no ritual é a separação dessa carapaça blindada (superior) do seu interior: ao interior é permitido fluir, mas apenas com as fronteiras masculinas das formações de massa (...) O que o fascismo prometeu aos homens foi a reintegração de componentes hostis sob condições

toleráveis, o domínio do elemento ‘feminino’ hostil dentro deles mesmos. Isso explica porque a palavra fronteiras no discurso fascista, refere-se primeiramente às fronteiras do corpo. (Theweleit, 1987, p. 434, tradução nossa).

Sua expressão ‘corpo blindado’ (*armoured body*) surge a partir da idéia de que esse comportamento violento teria a ver com o sentimento ambivalente de medo ou desejo de fundir-se com o outro ou perder os limites do ego (p. 127), tomados como ameaças reais ao sentimento de unidade e totalidade corporal – expressão máxima de uma masculinidade inerente ao fascismo.

Com isso, queremos dizer que, embora a fantasia de blindagem do corpo masculino que vemos estampada nas imagens midiáticas não esteja literalmente relacionada à guerra ou à violência misógina, ela marca a assunção de um ideal de eu, embora redimensionado às formas de vida da contemporaneidade. O homem ideal da sociedade biopolítica teme a um conjunto de novas ameaças capazes de borrar ou deferir a sua imagem simétrica e unitária, como por exemplo o fluxo erótico advindo de um outro, destituído de fronteiras tão bem definidas quanto as suas. Um outro doente, fraco, feio ou contraproducente; capaz de desafiar a autoridade superegóica que gerencia, despoticamente, a sua ilusão de poder e liberdade: “Quando o macho fascista entrou em combate contra o fluxo erótico, a mulher não subjugada, ele estava lutando contra o seu próprio inconsciente, a sua própria produção desejante”. (Theweleit, 1987, p.434, tradução nossa)³.

A couraça muscular atualiza, assim, a fantasia fascista de que o corpo blindado protege de toda ameaça que possa causar feridas narcísicas: a doença, a impotência, a assimetria, o fracasso, a pusilanimidade... A noção de que o belo e o salutar são características físicas e morais essenciais à existência plena é agenciada por essa imagem que descontextualiza a sensibilidade eugênica de seu fundo histórico. A promessa estampada do rejuvenescimento, da hipertrofia, do vigor sexual, longe de relacionar a estetização do corpo ao exercício da ética, da prática da liberdade ou ao ‘cuidado

3 No original: “When a fascist male went into combat against erotic ‘flowing’, nonsubjugated woman, he was also fighting his own unconscious, his own desiring production”. (Theweleit, 1987: 434)

de si' se articula ao discurso da propaganda, da venda de si como uma mera semblância, e, naquilo que caracteriza o seu potencial fascista, a uma renúncia de si diante da autoridade.

O super-homem da *Men's Health* é um personagem central da biopolítica contemporânea em sua versão narrativa imagética impressa. Ele personifica a captura do corpo pelo reducionismo biomédico e cognitivista enquanto modelos normativos capazes de proporcionar uma suposta experiência subjetiva de liberdade. Personificação que acaba por torná-lo, paradoxalmente, corpo amante de uma autoridade desterritorializada, considerado meramente em seu aspecto funcional e anatômico.

Figuras 7 e 8:
Edições francesa
e americana da
Men's Health
(outubro/2011;
maio/2011),
respectivamente
com as manchetes:
"Corpo de aço" e
"Poder de corpo
total".



De um constructo histórico-discursivo a uma fantasia contemporânea, este corpo funcional, totalizado e egóico, expressa o desejo de poder com o qual podemos confortavelmente flertar. Mas até que ponto crê-se realmente nesse organismo como uma unidade epistemológico-conceitual, e cuja retratação depende, paradoxalmente, de um excesso de artifícios visuais? Que postura permitiria ao olhar se deixar afetar por essas imagens da perfeição? Acreditamos que esse excesso de esmero, no que diz respeito às retratações do corpo na grande mídia, põe em evidência o papel central do fetiche como elemento sustentador e atuante por trás da atração fascista, bem como um traço perverso capaz de habitar o belo (enquanto categoria privilegiada do sensível).

Aqui chegamos ao corpo como uma apoteose da “imagem aparente e falsificada do recalcado” para alcançarmos a crítica deleuziana (2004, p. 120) sobre o corpo como uma prisão edípica do desejo. Ele é inalcançável em sua força e hipermasculinidade e na supervalorização da definição muscular. É, portanto, um corpo-imagem que formata o desejo segundo a sua própria inacessibilidade, e que encobre com um formalismo espetacular o sonho fascista recalcado: a beleza do poder do homem branco, a celebração do falo, do corpo-máquina, do não-feminino, e, em último grau, o narcisismo patológico e a falsa crença que lhe dão vazão. Elementos que a categorizam como imagem-fetiche.

O desejo pelo poder na capa da *Men's Health* é também um desejo de submissão; uma admiração que circula entre o bem e o mal-estar, entre o amor e a frustração, e principalmente, entre a necessidade de conforto e o medo da degenerescência. É o totalitarismo seduzindo segundo um esquema de proteção e sucesso, mas também de opressão e tirania. George Didi-Huberman (2008, p. 53) vai dizer que “onde há um culto generalizado pela imagem, há também um aniquilamento da capacidade dos olhos abrirem”. Subentenda-se, a capacidade de pensar ou imaginar essa imagem para além do que parece e do aparente vazio político que comporta.

O fascínio por esse corpo puro mantém conservada a dimensão politicamente problemática do fetiche como investimento libidinal que submete a experiência visual à imagens fantasmáticas de satisfação. E é a aniquilação da potência criativa do pensamento, ou melhor, a sua indisposição para a irreverência diante do clichê/imagem padrão, que aponta para o risco-fascista resiliente, enquanto sensibilidade que se engata aos móveis ideológicos ou pós-ideológicas contemporâneos: o que toca a consciência em uma camada que nem é reprimida, nem é admitida, para nos

ancorarmos na descrição antecipadora de Theodor Adorno (2008, p. 41, citado por SAFATLE, 2010, p. 130) sobre o funcionamento da ideologia nas sociedades pós-industriais.

Vladimir Safatle (2010) estabelece o fetiche como uma categoria analítica correlativa à noção de ideologia reflexiva tal qual desenvolvida por Peter Sloterdijk, e que aponta para a existência de uma ilusão social meramente funcional ao exercício da crença. Condição para o exercício da racionalidade cínica, como uma consciência infeliz modernizada.

Sendo assim, a sobrevalorização do artifício de um rosto geometricamente simétrico e de uma pele cuja textura lembra a plasticidade do látex, ao se ancorar numa experiência visual fascinante, desvela-se como um modo de apreciação conveniente: “estranho a alegorias, sem qualquer capacidade de transcendência, como uma criança que toma metáforas ao pé da letra” (SAFATLE, 2010, p. 35). Conveniência que permite ao olhar exercer terapêuticamente a sua fantasia fascista em plena ‘luz do dia’, sob a justificativa do *background* biopolítico (e, por conseguinte, oficialmente democrático e neoliberal) de amor à saúde ou à boa forma física.

Com isso, queremos finalmente dizer que o reencantamento funcional lançado pela imagem do corpo como expressão visual hiperfetichizada da saúde ou da fisicalidade potente na atualidade, ao mesmo tempo em que afasta o fantasma perturbador do projeto eugênico através de seu brilho fascinante e totalitário, acaba promovendo um sentimento nostálgico em relação a essa utopia que aboliu toda espécie de antagonismo. Experiência estética que ilustra, em último grau, a atualidade do fetichismo freudiano como forma dos sujeitos desmentirem – ou não encararem – a dimensão traumática dos próprios desejos.

3. Considerações Finais: mídia eugênica.

O amor à perfeição em uma série de imagens midiáticas detém os traços do arianismo resiliente em nossas perspectivas e sentidos. A fim de estabelecer uma identificação que não desafie os mecanismos de defesa do ego, torções desejantes são realizadas em relação às imagens dominadas por uma superioridade loira, magra, branca e musculosa.

Essa acomodação da percepção da beleza à discursividade biopolítica permite que se celebre dentre os regimes de visualidade midiáticos toda a seleção natural, sociodarwinista e eugênica que não pôde ser realizada no campo das práticas efetivas. Um modo de ser do desejo, capturado por imagens fenomenais do poder, e, no entanto, limitado por tais. A limitação do repertório sóico e não verbal de texturas, cores e formas capazes de representar o corpo é um indício da agradável violência a que a sensibilidade multimidiática pode se render. Uma limitação fenotípica seletiva do que merece habitar o centro da imagem.

A primazia dos traços de uma etnia em detrimento dos de outras traz a tona a seleção “natural” como uma verdade possível no universo midiático do consumo e entretenimento. Ela reflete o imperativo de instituições da modernidade, sua medicina, sua polícia, sua educação (física) como lemas inscritos na fisicalidade invejável e admirável de nossos protagonistas culturais.

O pânico de qualquer resquício de outridade sobre a imagem do corpo esculpido segundo o modelo totalitário da branquitude e potência se reflete na aceitação tácita de uma uniformidade corporal. O desejo tamponado por pedagogias, políticas e técnicas de higiene, clareamento e saúde levam o olhar a “crer” em capas de revista brilhantes e digitalmente retocadas, incorporando à experiência do belo uma camada fetichista que denega a relação psicopolítica problemática com uma consciência eugênica, enquanto a adapta finalmente à ideologia reflexiva da contemporaneidade.

Referências

- DIDI-HUBERMAN, G. (2008). *Image in spite of all*. Chicago: The University of Chicago Press.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. (2004). *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- PAXTON, R. (2007). *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- PIETROFORTE, A. (2004). *Semiótica Visual os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto.

- PROGER, B. (2002). *Body Fascism: salvation in the technology of physical fitness*. Toronto: University of Toronto Incorporated, 2002.
- REICH, W. (1975). *A função do orgasmo: problemas econômicos-sexuais da energia biológica*. São Paulo: Editora Brasiliense s.a..
- ROMANDINI, F. L. (2012). *A comunidade dos espectros I Antropotecnia*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2012.
- SAFATLE, V. (2008). *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo.
- SAFATLE, V. (2010). *Fetichismo: Colonizar o outro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- SIBILIA, P. (2004, Dezembro) “Opavor da Carne: riscos da pureza e do sacrifício do no corpo-imagem contemporâneo”. In: Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº25.
- THEWELEIT, K. (1989) *Male Fantasies* vol.2: *Male Bodies, Psychoanalyzing the White terror*. Minnessota: University of Minnessota Press.

Recebido em 15.11.2014. Aceito em 12.12.2014.